

## **A construção da Via Costeira na capital potiguar: o papel de Luiz Maria Alves e o Diário de Natal na preservação do Parque das Dunas <sup>1</sup>**

Cristina D'Oliveira Vidal BEZERRA<sup>2</sup>

Valquíria Aparecida Passos KNEIPP<sup>3</sup>

Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, RN

### **Resumo**

Este artigo é um recorte da pesquisa realizada dentro do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Mídia. Através de pesquisas bibliográficas e entrevistas, trazemos a abordagem do Diário de Natal sobre a construção da Via Costeira. Capitanado pelo jornalista Luiz Maria Alves, consideramos que a cobertura realizada pelo periódico contribuiu de forma significativa para a preservação do Parque das Dunas. A reserva é considerada a maior unidade de conservação ambiental sobre dunas do Brasil. Apresentamos neste estudo, aqueles que consideramos personagens importantes deste episódio. Utilizamos como referenciais conceituais teóricos mídia, memória e história oral.

**Palavras-chave:** História da Imprensa; Diário de Natal; Luiz Maria Alves; Via Costeira; Parque das Dunas.

### **1. Introdução**

Dentro do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Mídia, nossos estudos pretendem registrar como a construção da Via Costeira foi noticiada pelo jornal Diário de Natal, de que forma questões ambientais foram relatadas e se isso resultou, se podemos observar algum reflexo na sociedade. Trabalhamos com o pressuposto de que foram desenvolvidas novas práticas sociais que mobilizaram não somente a população, mas também, setores que influenciavam, ou modificaram a legislação visando colaborar com a preservação ambiental em Natal.

Para o recorte deste artigo, abordaremos aqueles que consideramos personagens principais deste capítulo da luta pela preservação ambiental na capital potiguar: o papel do Diário de Natal e claro, do então diretor-superintendente do periódico dos Diários Associados no Rio Grande do Norte, Luiz Maria Alves; a avenida que foi centro da

---

<sup>1</sup> Trabalho submetido ao GP História do Jornalismo do XVI Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Jornalista graduada pela UFRN, mestranda do Programa de Pós Graduação em Estudos da Mídia (PPgEM) da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) e professora de graduação na Universidade Potiguar (UNP), email: cdvidal@gmail.com

<sup>3</sup> Orientadora do trabalho. Jornalista graduada pela Unesp de Bauru, com mestrado e doutorado em Ciências da Comunicação pela ECA/USP, professora de graduação e pós-graduação na UFRN e vice-coordenadora do PPgEM, email: valquiriakneipp@yahoo.com.br

polêmica, a Via Costeira e aquilo que consideramos principal resultado deste episódio, a preservação do Parque das Dunas.

Consideramos este trabalho um levantamento histórico, onde tentamos destacar a ação (e por que não também dizer função) colaborativa da mídia na construção de novas práticas sociais e parâmetros legais, com consequências importantes para a preservação do meio ambiente da cidade.

Nesta introdução, trazemos conceitos já conhecidos de Silverstone, que dialogam com nossa proposta:

Estudamos a mídia porque precisamos compreender como ela contribui para o exercício do poder na sociedade tardo-moderna, tanto dentro como fora do processo político estabelecido. A mídia tem uma responsabilidade de tornar o mundo inteligível, nem mais, nem menos. (SILVERSTONE, 1999; 283).

De acordo com Silverstone (1999), a mídia direciona a sua ação para o presente quando nos oferece estrutura para o dia, pontos de referência, pontos de parada, como também nos lança ao engajamento e oportunidades de desengajamento. Podemos admitir que a preservação e defesa do meio ambiente, também podem ser fortalecidas através das diferentes mídias, dos jornais impressos, do rádio, da televisão e da internet. Em nossa pesquisa, acreditamos que podemos atribuir à mídia (em especial ao nosso objeto de estudo, o Diário de Natal), um efeito mobilizador na formação de uma consciência e uma prática ambiental.

Um dos principais personagens para essa nossa abordagem, o jornalista Luís Maria Alves, morreu em 1995. Para conhecer um pouco mais de sua história, buscamos relatos de jornalistas que conviveram com Alves no período em que ele esteve à frente do Diário de Natal. Nos apropriamos da história oral, a história do “tempo presente” e também reconhecida como “história viva” (BOM MEIHY, 2002, pág 17). Utilizando destas técnicas, transcriamos aqui, o conteúdo trabalhado em entrevistas realizadas durante a pesquisa.

Para destacar este momento, compartilhamos ainda com as ideias de Goulart (2008) ao afirmar que “é fundamental para o desenvolvimento da História da Comunicação que se debata, de forma ampla, a necessidade da construção de uma perspectiva e de estratégias metodológicas que articulem, de forma profícua, diferentes campos do saber”.

E tratando de história, utilizaremos ainda os conceitos de Le Goff “a memória, onde cresce a história, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir o presente

e o futuro”. (LE GOFF, 1990, pág. 411). O autor trata da importância da memória, individual ou coletiva. Para este recorte, compactuamos com estes conceitos de Le Goff, da memória como instrumento para se contar a história que não foi registrada.

Neste artigo buscamos contribuir para que se conheçam esses fatos que consideramos importantes da história de Natal. Intencionamos preencher espaços e colaborar para o interesse da comunidade acadêmica para o tema. Não pretendemos fechar o assunto, mas continuar realizando estudos que possam trazer a memória e consequentemente auxiliar para contar essa história.

Ao se reconstruir no presente, a partir dos rastros que o passado deixou como marca, coloca-se também em cena a questão memorável. Haverá sempre algo esquecido e algo lembrado nesse passado reatualizado. Mais do que a questão do objeto memorável, há que se pensar, pois, na dimensão do esquecimento que essas emissões evocam. (BARBOSA, 2008, pag. 94)

Se considerarmos algumas das mobilizações em torno da temática ambiental na cidade de Natal, podemos associar a atuação da mídia (no caso da nossa pesquisa, a atuação do Diário de Natal) a possíveis ganhos na preservação do meio ambiente. Defendemos que o periódico teve um papel importante para essa função mobilizadora/aglutinadora pois podemos identificar ações da preservação ambiental decorrentes de sua atuação.

Ressaltamos que a pesquisa aceita como pressuposto básico que a atuação do Diário de Natal favoreceu ganhos nos conflitos relacionados à preservação ambiental no episódio da construção da Via Costeira.

Avaliando o espaço dado pela mídia natalense às questões ambientais, podemos observar que desde as últimas décadas do século passado, os veículos de comunicação da capital potiguar já abriam espaço para questionar ações que pudessem provocar danos ao meio ambiente na região metropolitana de Natal. Em alguns momentos aparentemente como força aglutinadora principal, particularmente na reversão de uso e revisão do projeto da Via Costeira, por exemplo, que é nosso objeto de estudo.

Nos registros da história da capital potiguar, através dos arquivos de jornais impressos, podemos observar que o meio ambiente sempre foi tema de reportagens, sejam elas especiais, ou do dia a dia.

Se a mídia desempenha um papel importante na formação da opinião pública no que tange à preservação do meio ambiente, jornais, revistas, rádios, televisões e sites do Rio

Grande do Norte perceberam que o meio ambiente é também objeto de investigação jornalística.

No período próximo ao recorte histórico de nossa pesquisa, entre os anos de 1975 e 1979, quando Vauban Bezerra<sup>4</sup> foi prefeito de Natal e Tarcísio Maia<sup>5</sup>, governador do Estado, e posteriormente no governo Lavoisier Maia<sup>6</sup>, a construção da Via Costeira também foi levada à discussão junto à sociedade, uma vez que o projeto inicial previa construções de unidades habitacionais no espaço que hoje é protegido pelo Parque das Dunas.

Destacamos ainda, o trabalho pioneiro de jornalistas com a valorização do meio ambiente através da mídia no Rio Grande do Norte. Podemos citar como exemplo desse trabalho, o diretor do Diário de Natal no período de nosso recorte histórico (fim da década de 70), Luiz Maria Alves, que “abriu” espaço no jornal para reportagens voltadas para temática ambiental, de forma inédita. Na época, temas políticos dominavam as capas de jornais e a temática ambiental ainda era secundária no Brasil, isso quando existente nas pautas de jornais.

Outros casos em que essa atuação da mídia foi importante para a preservação ambiental também podem ser lembradas. Em Areia Preta, outra praia urbana da capital potiguar, a discussão em torno da preservação da paisagem também contou com o apoio da mídia. O então clube da CAERN (Companhia de Águas e Esgotos do Rio Grande do Norte), na zona Leste da cidade, seria demolido para construção de edifícios. Um decreto governamental transformou o local em área de preservação, garantindo “o direito à paisagem” num dos pontos mais admirados por natalenses e turistas que visitam a capital potiguar. Neste caso, trata-se da área do alto da Avenida Getúlio Vargas e da Ladeira do Sol, a partir da qual se tem uma visão panorâmica da praia.

O trabalho da imprensa ao abordar a preservação ambiental como notícia, iniciado na década de 70 e perpetuado até hoje, foi fundamental para a preservação da paisagem do Morro do Careca. Relembramos que o Diário de Natal também colaborou através de reportagens que defendiam a importância da preservação da duna mais famosa de Natal. Um decreto municipal tornou a área à esquerda da avenida Engenheiro Roberto Freire como *Non Aedificandi*.

---

<sup>4</sup> Engenheiro, foi prefeito de Natal de 1975 a 1978 por indicação do então Governador do Rio Grande do Norte, Tarcísio Mariz Maia e eleição indireta na Câmara Municipal.

<sup>5</sup> Médico, foi deputado federal e governador do Estado do Rio Grande do Norte de 1975 a 1979.

<sup>6</sup> Médico, foi deputado estadual, deputado federal e governador do Estado do Rio Grande do Norte.

Casos mais recentes também podem exemplificar a influência da mídia na mobilização da sociedade relacionada à preservação do meio ambiente. Em 2006, observou-se em Ponta Negra o debate em torno da construção dos espigões nas proximidades do Morro do Careca. Neste caso, destacamos a atuação da internet através dos blogs, um deles, criado pelo jornalista Yuno Silva, do movimento SOS Ponta Negra – hoje ONG. A mobilização provocou a suspensão do licenciamento da obra como registrou a edição de um jornal impresso de Natal:

Diante da mobilização da sociedade e observando as recomendações do Ministério Público, a Prefeitura do Natal mandou suspender as obras dos espigões que estão sendo erguidos próximos ao Morro do Careca. A medida foi orientada pela Procuradoria Geral do Município (PGM) que se baseia na legislação ambiental que observa, entre vários fatores, a questão do impacto visual que esses empreendimentos causarão no principal patrimônio paisagístico da cidade. (Tribuna do Norte, edição de 04 de outubro de 2006)

O fato teve repercussões ainda em 2010, com a realização de audiências públicas e o cancelamento das licenças concedidas para a obra e também em 2016, com decisões judiciais definitivas que impediram as construções no local.

Definimos como recorte temporal para o nosso estudo sobre a Via Costeira o fim da década de 1970, quando a possibilidade de execução da obra foi levantada pelo Governo do Estado com anúncio das obras e a partir de então, todos os desdobramentos que consideramos como possíveis consequências da cobertura do periódico. O Diário de Natal através de reportagens, editoriais e entrevistas colaborou para a discussão do tema na sociedade, passando pela modificação do projeto inicialmente previsto, e inauguração da avenida, que tornou a Via Costeira como é a que conhecemos hoje. Ao mesmo tempo, admitimos como pressuposto que os desdobramentos das repercussões em virtude dessa abordagem do Diário de Natal já são observáveis no ambiente social urbano, bem como os conflitos decorrentes dessa discussão.

Buscaremos contextualizar a importância da avenida para a cidade, nos âmbitos da economia, turismo e meio ambiente.

Em nossa pesquisa, destacamos que a Via Costeira não foi executada conforme o projeto inicial. A possibilidade de construção da avenida através da “provocação” feita pelo Diário de Natal gerou uma série de debates na sociedade que teve como consequência a alteração do projeto.

## 2. Personagens da História

Para compreender melhor como se deu esse capítulo da história do Rio Grande do Norte, é importante contextualizarmos quanto aqueles que consideramos seus principais personagens. Qual era a importância do Diário de Natal, quem foi Luiz Maria Alves, diretor do periódico à época, o que é a Via Costeira e qual seu papel para o turismo e economia do Rio Grande do Norte e o que é o Parque das Dunas, primeira Unidade de Conservação Ambiental implementada no Rio Grande do Norte.

Reforçamos que boa parte das informações, em especial sobre o Diário de Natal e Luiz Maria Alves se deu através de relatos e entrevistas realizadas. Os registros sobre o Diário de Natal também se deram através de entrevistas e publicações de outros jornais impressos, uma vez que o periódico fechou em outubro de 2012.

### 2.1 A Via Costeira

Em novembro de 1976 foi anunciado pelo Governo do Estado, o contrato para estudos de viabilidade de utilização da orla marítima de Natal. No final da década de 70, a construção da avenida foi levada à discussão junto à sociedade, uma vez que o projeto inicial previa construções no Parque das Dunas.

A Via Costeira, ou avenida Senador Dinarte de Medeiros Mariz, está localizada entre o Oceano Atlântico e as dunas do Parque das Dunas. Possui doze quilômetros de extensão e une a praia de Ponta Negra, na zona sul de Natal, às praias do Centro da capital potiguar.

Atualmente, ao longo da avenida, do lado da praia, estão localizados hotéis de alto padrão e restaurantes. O local pode ser considerado o mais importante polo hoteleiro da capital potiguar. O outro lado da via é totalmente tomado pelo Parque das Dunas - uma ampla área verde preservada pelo IDEMA<sup>7</sup>.

A Via Costeira foi inaugurada em 1985 pelo então governador José Agripino. Mas a obra começou muito antes. Em novembro de 1976, o Governo do Estado anunciou contrato para estudos de viabilidade de utilização da orla marítima de Natal.

A ideia para construção de uma avenida que ligasse as praias de Areia Preta a Ponta Negra teria sido ventilada há bastante tempo. Na edição de 08 de julho de 2012, do jornal Tribuna do Norte, o colunista Woden Madruga cita um artigo de Juvenal Lamartine<sup>8</sup>

<sup>7</sup> IDEMA - Instituto de Desenvolvimento Sustentável e Meio Ambiente do Rio Grande do Norte.

<sup>8</sup> Advogado, jornalista e político. Foi deputado federal, senador e governador do Rio Grande do Norte.

publicado no mesmo periódico em 03 de março de 1956. No texto, o ex-governador sugeria ao então prefeito da cidade, Djalma Maranhão, a construção de uma avenida, sugerindo batizá-la como “Avenida Brasil”:

Queremos chamar ainda a atenção, a atenção do sr. Prefeito para que não saia do governo municipal antes de lançar os fundamentos para a construção da avenida mais bela de qualquer cidade do Brasil. Esta avenida, para a qual sugerimos, desde logo, o nome de Avenida Brasil, é a que, partindo de Areia Preta, se dirija quase em linha reta à Ponta Negra, tendo o Atlântico a leste e a bela cordilheira de morros ao poente. (Tribuna do Norte, 03/03/1956, APUD, Tribuna do Norte 08/07/2012, p. 2).

Em 1973, quando o Rio Grande do Norte tinha como governador Cortez Pereira, este autorizou a Cohab (Companhia de Habitação) a “iniciar o levantamento fotográfico da área e diagnosticar os problemas jurídicos e legais da faixa de terra” (Diário de Natal, 02/11/1975). O projeto não teve continuidade, uma vez que a Cohab só poderia executar projetos de conjuntos habitacionais para mutuários com baixo poder aquisitivo (um a cinco salários), a execução da obra foi afastada temporariamente.

Para nossa pesquisa, estabeleceremos como o marco inicial, aquele que consideramos o “anteprojeto” para a construção da avenida que hoje conhecemos como Via Costeira: o estudo apresentado pelo então Diretor-Técnico da Cohab, engenheiro Elias Fernandes.

A proposta foi elaborada por uma equipe de engenheiros e arquitetos como trabalho final de especialização pela Escola Interamericana de Administração Pública, da Fundação Getúlio Vargas, em 1975. Tal “anteprojeto” teria sido a base para o que veio a ser apresentado pelo Governo do Estado como Avenida Litorânea ou Avenida Beira-Mar.

O projeto definitivo para a obra foi concluído no então governo Tarcísio Maia. As obras foram iniciadas no governo seguinte, de Lavoisier Maia e concluídas na administração subsequente, que tinha à frente José Agripino Maia.

É importante destacar também, que de acordo as pesquisas realizadas para este trabalho, a Via Costeira não foi executada conforme o projeto inicial. Desde sua concepção, ela gerou debates inflamados que envolveram de um lado, defensores da preservação ambiental e de outro, grupos empresariais ligados à construção civil e ao *trade* turístico.

A “batalha” encabeçada pelo jornalista Luiz Maria Alves e pelo Diário de Natal, impediu a construção de espigões no local. Uma vez que a possibilidade de construção da avenida foi levantada, a cobertura do Diário de Natal provocou uma série de debates na sociedade que teve como consequência a alteração do projeto.



Dez anos depois da inauguração da Via Costeira, em 1995, o Parque das Dunas, que era conhecido por Bosque dos Namorados foi “rebatizado” como Luiz Maria Alves. E até hoje o jornalista dá nome ao parque ecológico que delimita o traçado da avenida, entre os bairros de Mãe Luiza e Ponta Negra.

## 2.2 O Diário de Natal

Fundado em 18 de setembro de 1939, o DIÁRIO DE NATAL era o mais antigo jornal impresso em circulação na capital potiguar. Fazia parte do Grupo Diários Associados e tinha como diretor-superintendente à época da construção da Via Costeira, o jornalista Luiz Maria Alves.

Contextualizamos aqui sobre a importância do Diário de Natal para a capital potiguar e para o Rio Grande do Norte, quer tenha sido enquanto meio de comunicação, como também como fonte para o registro dos fatos históricos do Estado.

Apesar de Trigueiro ter trazido esse conceito apenas em 2005, relacionamos ao nosso trabalho, a essa abordagem, o que observamos sobre o Diário de Natal como “ator” desse momento sobre a construção da Via Costeira.

não há problema mais delicado para o meio ambiente hoje, que o da comunicação. Só ela pode retirar as chamadas questões ambientais do gueto em que estão colocadas (fazendo de conta que são isoladas, apartadas) e levar a sociedade a entender que todas as ações humanas têm impactos sobre o concreto – a água, o solo, o ar, os seres vivos. (TRIGUEIRO; 2005, pág. 15)

Para compreender melhor a importância do Diário de Natal para a capital potiguar e para o Rio Grande do Norte, objetivamos aqui, contextualizar sobre o papel do periódico não só enquanto meio de comunicação, como também como fonte para o registro dos fatos históricos do Estado.

O Diário de Natal foi fundado por um grupo formado por jovens idealistas: Djalma Maranhão, Rivaldo Carvalho, Romualdo Carvalho, Aderbal de França e Valdemar Araújo. Seu primeiro exemplar circulou em 18 de setembro deste ano. À época, Natal contava com dois jornais: “A Ordem” e “A República”.

A edição de 03/10/2012 do Novo Jornal<sup>9</sup>, acrescenta que o periódico foi criado com o intuito de informar o potiguar sobre as notícias da II Guerra Mundial, com o objetivo de ser um porta-voz das forças aliadas, combatendo o nazi-fascismo e ser uma espécie de

---

<sup>9</sup> Jornal em circulação na capital potiguar.



“porta-voz” do povo. Foi inicialmente impresso nas oficinas do Jornal A República, que pertencia ao Governo do Estado.

A Natal de 1939 tinha cerca de 60 mil habitantes, que se mantinham informados através das emissoras de rádio. Em 1942 o jornal foi vendido ao empresário Rui Moreira Paiva, devido às dificuldades financeiras. Mas o então “Diário” já havia conquistado uma boa aceitação por parte do público leitor.

Três anos depois, em 1945, o Diário de Natal foi comprado por Assis Chateaubriand para integrar sua rede de jornais, os Diários Associados. Muitos atribuem a esse fato, o início da ascensão do Diário de Natal, que em março de 1947 passou a ter este nome. Antes, o periódico utilizava apenas o nome “Diário”.

Sob a superintendência de Edilson Varela, o Diário de Natal lança em 1954 um outro jornal: O Poti. Este, circulava pela manhã enquanto o DN era vespertino.

Em maio de 1959 o Diário de Natal entra em uma nova fase, quando Luiz Maria Alves assume a direção do jornal. Vamos tratar sobre Luiz Maria Alves, seu perfil e seus feitos à frente do Diário de Natal no próximo ponto. Mas podemos citar ainda sobre a história do Diário de Natal, que em 1958 a edição matutina de O Poti passa a circular somente aos domingos. O Diário de Natal continuou circulando de segunda-feira a sábado.

Do ponto de vista gráfico, o Diário de Natal, “revolucionou” a impressão de jornais no Rio Grande do Norte com a implantação do sistema *offset*. A tecnologia era a mais avançada disponível no Brasil. Com a nova impressão, o Diário de Natal passou a ser matutino em setembro de 1970.

Vale destacar ainda que o Diário de Natal esteve à frente no mercado potiguar por mais de 50 anos e foi líder de vendas no Rio Grande do Norte por décadas. No período em que foi dirigido pelo jornalista Luiz Maria Alves, chegou a rodar aos domingos com mais de 30 mil exemplares.

Para exemplificar sobre a abordagem do Diário de Natal sobre o episódio de que trata nosso estudo, a construção da Via Costeira, podemos observar algumas das manchetes (títulos das reportagens) do Diário de Natal. Em 21/07/1978 foi publicado um Editorial com o seguinte título: “Forma viável de convivência do homem com a proteção da natureza”. Ainda no mesmo ano, podemos citar manchetes em três edições diferentes e seguidas. Vejamos: “Movimento Nacional para impedir a Via Costeira” (em 25/10/1978); “Grupo colhe adesões contra a Via Costeira” (26/10/1978) e “Inicia hoje a luta na justiça contra Costeira” (27/10/1978).

Observemos que os três títulos nas datas citadas sugerem um posicionamento ideológico contrário à construção da Via Costeira. Mas a abordagem do DN sobre o episódio não se restringiu às coberturas jornalísticas. O periódico realizou debates e seminários com estudiosos e especialistas que trataram do tema.

Num período em que a televisão ainda não era o meio de comunicação mais popular, o Diário de Natal ocupava a função de informar e por que não, formar a opinião do público natalense.

Voltando à história do Diário de Natal. Em fevereiro de 2009 o DN iniciou uma reestruturação, quando a impressão do periódico passou a ser feita no estado de Pernambuco. Em março do mesmo ano, a direção da empresa formalizou a demissão da maior parte do quadro de redação. Outra mudança significativa foi a diminuição do tamanho do jornal. Deixou de ter o tradicional standard para o modelo berliner, menor.

Em fevereiro de 2010 o DN mudou de endereço. Deixou a sede na Avenida Deodoro da Fonseca, em Petrópolis, onde estava desde 1970, para um prédio em São Gonçalo do Amarante, na região metropolitana de Natal.

O dominical O Poti, que havia sido extinto em 2009, foi relançado em março de 2011, mas as tentativas de mudança de forma a reerguer o Diário de Natal parecem ter sido em vão. Na edição de 02 de outubro de 2012, o Diário de Natal anuncia através de nota na capa, o fim da versão impressa. A equipe de redação foi demitida e o jornal, que durante um período, foi o maior do Rio Grande do Norte, passava a informar apenas através da página na internet e das rádios.

Um fim melancólico para um jornal que durante 73 anos registrou fatos, fez história e formou a opinião do público leitor do Rio Grande do Norte.

O fechamento do Diário de Natal reforça a relevância de nossa pesquisa que pretende recontar um capítulo da história da capital potiguar através da mídia.

### **2.3 Luiz Maria Alves: o jornalista.**

Falar da história do Diário de Natal nos obriga a falar também sobre aquele que esteve durante trinta anos à frente da direção do jornal: Luiz Maria Alves.

Aqui, buscamos através de um perfil descritivo baseado principalmente nos relatos dos jornalistas que trabalharam e conviveram com “Seu Alves” na redação do Diário de Natal durante o período do recorte histórico de nossa pesquisa. Tentamos esclarecer quem foi Luiz Maria Alves, seu pioneirismo na abordagem de temas relacionados ao meio

ambiente e a importância da atuação do jornalista à frente do Diário de Natal para a linha editorial do periódico e no que está relacionado a nosso estudo, para a criação do Parque das Dunas.

O fato de existir poucas publicações sobre o amazonense direcionou nosso embasamento às entrevistas e relatos de jornalistas à época. Longe de tentarmos escrever uma biografia sobre Luiz Maria Alves, consideramos importante explicar quem foi esse homem, sua formação e como esteve durante tanto tempo no comando do Diário de Natal.

A pesquisadora Rejane Cardoso reconta parte da história de Luiz Maria Alves na publicação “400 nomes de Natal” (2000) e a partir dela iniciamos esse relato.

Nascido em Manicoré, no Amazonas, região Norte do Brasil, Luiz Maria Alves era filho de família rica, proprietária de seringais, remanescente da aristocracia da borracha no Pará, onde se deu sua formação. Com a queda da borracha devido ao investimento inglês, a família empobreceu e Luiz Maria Alves precisou procurar emprego. Após submeter-se a um teste, foi contratado pela *Western Telegraph*, em 1922. Dominando o código Morse, foi promovido a telegrafista e passou a sustentar a casa.

Apesar de ter sido aprovado em dois vestibulares, um em Odontologia e outro em Agronomia, nunca chegou a frequentar os cursos. Compensou a falta de um diploma de nível superior com muita leitura.

Vicente Serejo, que foi editor do Diário de Natal, cita (Serejo, 2013) a insônia que Luiz Maria Alves acabou desenvolvendo devido às noites em claro nos plantões como telegrafista. E a leitura foi sua companheira. Quando a empresa *Western Telegraph* se instalou em Natal, ofereceu a Luiz Maria Alves uma boa gratificação pela transferência. A companhia telegráfica foi inaugurada na capital potiguar em fevereiro de 1939. Em setembro do mesmo ano teve início a II Guerra Mundial. Luiz Maria Alves começou a trabalhar no Diário de Natal no fim da guerra. Quando o jornal contratou a *United Press*, passou a ser repórter de política. Isso porque devido ao emprego anterior, Alves tinha fluência em inglês. Assumiu a direção do Diário de Natal em 1958, quando o então diretor, Edilson Varela foi transferido pelos Diários Associados para fundar o Correio Braziliense na capital federal.

Alves recebeu uma empresa cheia de débitos e aplicou conhecimentos adquiridos na *Western* em Belém no período da depressão. Enxugou o quadro de funcionários e chegou a empenhar economias pessoais para reerguer a filial potiguar dos Diários Associados. Na época, a empresa publicava dois jornais: o matutino “O Poti” e o vespertino “Diário de

Natal”. Optou pelo mais antigo e transformou O Poti num semanário que circulava aos domingos.

Outro feito de Luiz Maria Alves que é apontado como justificativa para um homem visionário e de tino administrativo pelos então colegas de redação, é a implantação do sistema de impressão *offset*, que teve resultados considerados altamente positivos. Na época, era a tecnologia mais avançada em termos gráficos no Brasil. O novo sistema foi inaugurado em junho de 1970, com a presença do Diretor Geral dos Diários Associados e o governador do Estado.

A mudança transformou o Diário de Natal numa das empresas mais lucrativas, sempre com superávit, dos Diários Associados. Esse resultado positivo nas finanças do DN é apontado inclusive, como a garantia para permanência de Alves à frente do Diário de Natal. O equilíbrio econômico e os lucros eram levados em consideração quando se tinha alguma pressão política por insatisfação com os rumos editoriais que a publicação tomava.

Mas se era considerado um “visionário”, Luiz Maria Alves também tinha como traço marcante a personalidade forte e o temperamento difícil. O jornalista Cassiano Arruda Câmara, que também foi editor do jornal dirigido por Alves, relembra na parede da redação do Novo Jornal, periódico do qual foi sócio-diretor, uma citação dita com frequência por Luiz Maria Alves “O jornal não é guardião da honra de ninguém”. Arruda ainda citou em nossa entrevista outra frase atribuída a Alves: “não existem ódios eternos nem amores permanentes”.

À frente do Diário de Natal, Luiz Maria Alves é lembrado também pelas várias batalhas em prol da luta ambiental e defesa de temas que considerasse interessantes à sociedade.

Depois de traçar esse perfil, podemos ressaltar aqui, como uma observação feita ao longo das entrevistas (2013) com os jornalistas Cassiano Arruda Câmara e Vicente Serejo que conviveram com Luiz Maria Alves na redação do Diário de Natal. Ambos demonstraram uma grande admiração pela figura do diretor. Atribuem tais qualidades e características de Alves ao interesse e acesso que teve à leitura. Publicações americanas e inglesas que fizeram Alves ter, de acordo com eles, uma visão de mundo diferente.

Tanto Arruda Câmara (2013) quanto Serejo (2013) apontam essa “visão de mundo diferente” como o motivo da preocupação de Luiz Maria Alves com o meio ambiente e a preservação ambiental. Isso numa época em que tais conceitos não eram tão difundidos no Brasil, mas que já eram tratados nos Estados Unidos e Inglaterra. Os jornalistas que

entrevistamos relembram a preocupação de Alves com o “direito à paisagem”. Vicente Serejo acrescenta que em outras partes do mundo, o conceito já era adotado, como por exemplo na Casa Branca (Washington DC, EUA) e na Torre Eiffel (Paris, França) e complementa “nesses lugares, não se pode construir nada que rivalize com esses monumentos” (Serejo, 2013).

O jornalista Luiz Maria Alves foi proclamado em 1978 como suplente do senador Dinarte Mariz pela ARENA, e em 1986 ocupou a suplência do também senador Lavoisier Maia. Alves esteve à frente do Diário de Natal até o ano de 1989. Ao deixar o DN, com os recursos da indenização recebida instalou um jornal que não foi adiante. Morreu em 19 de abril de 1995. O Estado decretou luto oficial de três dias.

#### **2.4 Parque das Dunas e sua importância para Natal**

O Parque Estadual das Dunas de Natal foi criado através do Decreto Estadual número 7.237 de 22/11/1977. Foi a primeira Unidade de Conservação Ambiental implantada no Rio Grande do Norte (Brasil). É considerado o maior parque urbano sobre dunas do Brasil, exercendo fundamental importância para a qualidade de vida da população natalense, contribuindo tanto na recarga do lençol freático da cidade, quanto na purificação do ar. Seu ecossistema de dunas é rico e diversificado, abrigando uma fauna e flora de grande valor bioecológico, que inclui diversas espécies em processo de extinção.

De acordo com o site da área ambientalmente protegida, são 1.172 hectares de mata nativa e parte integrante da Reserva de Biosfera da Mata Atlântica Brasileira reconhecida e mapeada pela UNESCO<sup>10</sup>. A unidade exerce grande importância para a qualidade de vida da população da cidade de Natal, seja pela conservação dos lençóis aquíferos ou por, através de sua vegetação, pela manutenção das dunas móveis que se estendem da zona leste da capital potiguar, em Mãe Luiza, à zona sul, nos bairros de Capim Macio e Ponta Negra.

Ainda com informações oficiais do local, entre os objetivos do Parque das Dunas estão: a garantia da preservação e conservação dos ecossistemas naturais englobados; proteção de recursos genéticos; possibilidade de realização de estudos, pesquisas, trabalhos de interesse científico e monitoramento; preservação dos sítios de valor histórico, arqueológico e geomorfológico; oferta de condições para lazer, turismo ecológico e realizações de atividades educativas e de conscientização ecológica.

---

<sup>10</sup> UNESCO: Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura.

A flora reúne mais de 270 espécies arbóreas distintas e 78 famílias, representada por mais de 350 espécies nativas. A fauna nativa do Parque é típica do ecossistema costeiro terrestre formado pela Mata Atlântica. Ainda de acordo com levantamento da instituição, a fauna do Parque está representada por cerca de 180 espécies dentre mamíferos, répteis, aves, e invertebrados, como borboletas, aranhas e escorpiões.

A Unidade possui um Plano de Manejo – instrumento técnico de planejamento ecológico – que foi elaborado por uma equipe técnica do então IDEC (denominação que antecedeu a criação do Idema), em 1997 e de acordo com o site da instituição, recebe uma média anual de cento e cinquenta mil visitantes. O Parque conta ainda com um cadastro com cerca de dez mil pessoas que utilizam o espaço para a prática de atividades físicas e oferece atividades educativas, recreativas, físicas e culturais, além de receber pesquisadores.

Apesar da criação do Parque através do decreto de 1977, a preservação da área só foi possível através da modificação do projeto da Via Costeira, que, inicialmente, previa construções de unidades habitacionais no local. No ano de 1995 (ano em que Luiz Maria Alves faleceu), através da Lei Ordinária 6.789 (14/07/1995), o Parque Estadual Dunas de Natal, recebeu o complemento de “Jornalista Luiz Maria Alves”.

### **Considerações finais**

Este trabalho busca contribuir com temas importantes da história da capital potiguar. Seja contando a história do Diário de Natal e dos destaques dados pelo jornal a temas relevantes para a sociedade, como também para esclarecer sobre Luiz Maria Alves, personagem memorável do jornalismo do Rio Grande do Norte.

Numa época em que não se falava em conceitos de meio ambiente e sustentabilidade, Luiz Maria Alves se destacou por direcionar o Diário de Natal a trazer tais temas. Finalizamos trazendo Trigueiro (2005) para definir aquilo que define o que Luiz Maria Alves realizou, antes mesmo de trabalhar conceitos sobre:

O jornalismo ambiental quebra o dogma da imparcialidade, tão propalada e discutida nos cursos de comunicação, ao tomar partido em favor da sustentabilidade, do uso racional dos recursos naturais, do equilíbrio que deve reger as relações do homem com a natureza. (TRIGUEIRO; 2005, pág. 97).

Intencionamos preencher espaços dessa história e colaborar para o interesse da comunidade acadêmica para o tema. Não pretendemos fechar o assunto, mas continuar

realizando estudos que possam trazer a memória e conseqüentemente auxiliar para contar essa história. Destacamos que esse recorte trata de apenas parte da história dos personagens desse episódio, que merece ser aprofundada e apresentada não só aos interessados em pesquisar o tema, mas também à sociedade.

Encerramos ressaltando a pertinência da pesquisa na comunidade acadêmica e aqueles que se interessam em estudar a história e a memória do jornalismo e dos meios de comunicação no Rio Grande do Norte.

### Referências bibliográficas

CÂMARA, Cassiano Arruda. Entrevista concedida a Cristina D'Oliveira Vidal Bezerra em 08 de maio de 2013.

FERNANDES Neto, Elias. Entrevista concedida a Cristina D'Oliveira Vidal Bezerra em 09 de maio de 2013.

GOMES, Vicente Alberto Serejo. Entrevista concedida a Cristina D'Oliveira Vidal Bezerra em 12 de maio de 2013.

LE GOFF, Jacques, 1924 **História e memória** / Jacques Le Goff; tradução Bernardo Leitão ... [et al.] -- Campinas, SP Editora da UNICAMP, 1990. (Coleção Repertórios)

RIBEIRO, Ana P. G.; HERSCHMANN, Micael, organizadores; Alzira Alves de Abreu ... [et al.] – **Comunicação e História ; interfaces e novas abordagens**. Rio de Janeiro : Mauad X ; Globo Universidade, 2008.

SILVERSTONE, Roger. **Por que estudar a mídia?** São Paulo: Loyola, 2002.

TRIGUEIRO, André (coord.). **Meio ambiente no Século 21: 21 especialistas falam da questão ambiental nas suas áreas de conhecimento**. Rio de Janeiro: Sextante, 2003.

TRIGUEIRO, André. **Mundo sustentável: abrindo espaço na mídia para um planeta em transformação**. São Paulo: Globo, 2005

Lei Ordinária nº 6789 de 14 de julho de 1995. **Legislação Estadual do Rio Grande do Norte**: [http://www.al.rn.gov.br/portal/\\_ups/legislacao//6.789.pdf](http://www.al.rn.gov.br/portal/_ups/legislacao//6.789.pdf) Acesso em 13 de julho de 2016.

Idema - **Parque Estadual Dunas do Natal**: <http://www.idema.rn.gov.br/Conteudo.asp?TRAN=ITEM&TARG=941&ACT=null&PAGE=0&PARM=null&LBL=Unidades+de+Conserva%C3%A7%C3%A3o> Acesso em 12 de julho de 2016.